

#cm
2
SEGUNDA-FEIRA



Teresa Lampreia revisita e reflete sua trajetória na televisão em livro
PÁGINA 4



'O Nome do Rato' leva ao público a realidade da população de rua
PÁGINA 6



Bar Lagoa mantém a tradição: comida farta e garçons rabugentos
PÁGINA 7



Ligação direta para o Globo de Ouro

Em sua escalada de premiações internacionais, **'O Agente Secreto'** deve receber nesta segunda indicações ao **Globo de Ouro**, pavimentando ainda mais sua **jornada rumo ao Oscar de 2026**. Mas um longa iraniano e outro espanhol podem ser pedras em sua caminho. Quem nos conta é o **crítico Rodrigo Fonseca** nas páginas seguintes

Victor Juca/Divulgação

Hollywood

O Brasil ainda está aí



Carreira internacional de 'O Agente Secreto' pode galgar mais um degrau hoje com o anúncio do Globo de Ouro, fincando os pés na corrida do Oscar 2026 e na consagração da crítica

Victor Jucá/Divulgação



Com cerca de 24 prêmios internacionais no currículo, desde a quádrupla vitória em Cannes, 'O Agente Secreto' trilha as atenções do Oscar 2026

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Desde maio, quando concorreu à Palma de Ouro, numa estreia consagrada no Festival de Cannes, "O Agente Secreto" - hoje no caminho para somar um milhão de pagantes em salas de exibição - já ganhou 24 prêmios no exterior. Não estão contabilizadas aí um par de láureas celebrativas dadas a seu diretor, Kleber Mendonça Filho, e seu astro, Wagner Moura, em festivais de prestígio. Todas essas vitórias pavimentam uma trilha que, esta manhã, pode deixá-lo ainda mais perto do Oscar. Por volta das 10h15 desta segunda, a atriz Skye P. Marshall e ator Marlon Wayans vão anunciar os indicados nas 28 categorias do 83º Globo de Ouro. Especula-se a presença nacional entre filmes e profissionais a serem mencionados. Se essa previsão se concretizar a jornada que nosso cinema trilhou entre o

segundo semestre de 2024 e março deste ano com "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles, tende a se repetir.

D São dois longas-metragens distintos, embora ambos se passem parcialmente na década de 1970 e deem ao regime militar de então uma abordagem crítica - cada um tratando a época à sua maneira.

Salles foi oscarizado em pleno carnaval. Contabilizou outros 78 prêmios, entre os quais o Grand Prix Fipresci de Melhor Filme do Ano, atribuído pela Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica, durante o Festival de San Sebastián, na Espanha. Faturou US\$ 36 milhões nas bilheterias internacionais e vendeu 5,8 milhões de ingressos no Brasil. Começou seu percurso com a indicação ao Leão de Ouro de Veneza, onde ganhou o troféu de Melhor Roteiro de um júri

chefiado pela diva francesa Isabel Huppert do qual Kleber fazia parte. A mudança de seu status na chamada Oscar Season - a temporada de premiações que, de novembro a fevereiro, antecede a cerimônia anual da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, aquecendo suas turbinas - se deu em 9 de dezembro do ano passado.

Naquela data, a atriz Mindy Kaling e o ator Morris Chestnut anunciaram o certame do Globo de Ouro de 2025. "Ainda Estou Aqui" foi listado entre os competidores ao título de Melhor Filme de Língua Não Inglesa e Fernanda Torres foi mencionada entre as estrelas que concorreriam à honraria de Melhor Atriz Dramática. Na dinâmica da Golden Globe Foundation, que reúne uma massa de jornalistas estrangeiros especializada em cinema e teledramaturgia, as categorias são blocadas entre Drama (que engloba ainda Ação e Terror) e Comédia/Musical. Fernanda acabou por ser contemplada pela associação, que tomou as rédeas dessa tradicional consagração ao esforço artístico num momento em que sua gestora anterior, a Hollywood Foreign Press Association (HFPA), estava em crise. Uma

renovação se fez.

Devassada por polêmicas na chegada dos anos 2020, a HFPA abriu suas portas em 1943, com o objetivo de estimular a circulação de notícias ligadas ao mais popular motel platônico do século XX - o cinema - para além dos muros dos Estados Unidos, tendo como principal chamariz de seu trabalho a organização de um prêmio anual: o tal Globo de Ouro. A primeira cerimônia em que a láurea foi concedida ocorreu em 1944, no estúdio 20th Century Fox, de olho nos magnatas da indústria. Seu primeiro vencedor foi "A Canção de Bernardette", que conquistou vitórias nas disputas de Melhor Filme, Direção (Henry King) e Atriz (Jennifer Jones). Seu troféu - caracterizado por uma reprodução da esfera terrestre rodeada por uma película de filme cinematográfico - teve vários designers ao longo das últimas oito décadas. A versão distribuída atualmente pesa cerca de 3,5 quilos; é feita de latão, zinco e bronze; mede 11,5 polegadas, acoplado a uma base retangular, vertical, de notável elegância. De 1950 até 2022, guerras internas - de egos e de condutas profissionais questionadas em parâmetros éti-



A premiação de Fernanda Torres chamou a atenção de Hollywood para as narrativas audiovisuais brasileiras



Luis (Sergi Lopez, de camisa azul, à direita) vive um pai em busca da filha em 'Sirât', de Oliver Laxe



'Un Simple Accident' foi baseado em histórias vividas pelo realizador Jafar Panahi e por outras vítimas da perseguição promovida pelo regime fundamentalista iraniano

cos – quase levou a festa de entrega dessa estatueta à extinção, sob a acusação de abusos de poder, falta de representatividade (das populações negras, asiáticas, indígenas) e sexismo. A ameaça de cancelamento reinou sob as cabeças da HFPA até uma revitalização, em 2023, já sob as engrenagens da Golden Globe Foundation. Essa lanternagem (ética e estética) dá ao contingente de profissionais de mídia envolvidos em sua realização a chance de abrir as atividades para 2026 abençoada por toda a Meca do entretenimento. Com a reformulação, a composição de seus integrantes com direito a voto se ampliou o que leva a crença de que “Foi Apenas Um Acidente” (“Un Simple Accident”), drama político com toques de suspense do realizador iraniano Jafar Panahi possa se destacado nesta segunda em categorias como Melhor Direção, Melhor Roteiro e até a de Melhor Filme de Drama. O diretor de “O Balão Branco” (1996), famoso por suas lutas contra as arbitrariedades do governo do Irã (que o sentenciou à prisão, caso ele lá volte, na semana passada), não era o tipo de artesão autoral que passava no crivo do Globo dourado de outro-

ra. Agora é. O longa que lhe deu à Palma de Ouro, já em cartaz no Brasil, hoje é visto como um potencial vencedor de muitas premiações hollywoodianas. Vale o mesmo para o experimento transcendental espanhol “Sirât”, do galego Oliver Laxe, centrado na busca de um pai por sua filha numa rave no deserto. Ambos os longas brilharam no Festival de Marrakech, no Marrocos, entre 29 de novembro e o último sábado. Muita gente que Skye e Wayans não de mencionar neste 8 de dezembro (entre as quais o mexicano Guillermo Del Toro e seu “Frankenstein”) notabilizam-se ainda mais em telas marroquinas. Kleber esteve lá também, para participar de uma sabatina na seção Conversas, onde passou em revista uma obra que hoje delicia-se no mimo da crítica internacional. Uma de suas conquistas mais sólidas foi a inclusão de

“O Agente Secreto” na capa da revista “Cahiers du Cinéma”, Bíblia da cinefilia desde 1951, que incluiu a saga ambientada no Recife de 1977 em seu aclamado (porém, controverso) Top Ten anual, numa seleção de dez queridinhos da vez de sua redação, onde entrou ainda o épico luso-brasileiro “O Riso e a Faca”, do português Pedro Pinho. Kleber já apareceu nesse periódico antes. Foi repórter de cinema em Pernambuco, dos anos 1990 até o princípio da década passada. “Os anos como crítico foram importantes para a minha formação artística porque tinha de ver muitos... muitos filmes”, disse Kleber a Marrakech. “Hoje vemos apenas os filmes que queremos ver; mas como crítico, eu também via filmes que, em circunstâncias normais, nunca escolheria. E ao vê-los, fazia descobertas. Vê-se um grande número de filmes e depois exerce-se a escrita sobre eles. Fiz isso durante 13 anos. Tornou-se um exercício constante e, a partir dele, eu pude compreender o que a cultura está a fazer conosco. Para mim, crítica é isso: medir a temperatura cultural. Pode aplicar-se à música e à literatura também. Mesmo uma comédia romântica

comercial pode ser interessante como termómetro do mundo. Depois fiz os meus curtas e chegou o momento de preparar o primeiro longa, ‘O Som ao Redor’. Senti que era a altura certa para mudar. Lembro-me de abandonar a crítica numa sexta-feira e começar a pré-produção no sábado seguinte. Foi como deixar de fumar”. Indicado à Palma de Ouro antes com “Aquarius”, em 2016, e com “Bacurau”, que lhe rendeu o Prêmio do Júri de Cannes em 2019 (em codireção com Juliano Dornelles), Kleber foi agraciado com o troféu de Melhor Direção de Cannes deste ano, além do Prêmio da Crítica da Fipresci e de uma láurea especial da Associação de Cinemas de Arte e Ensaio da França. Wagner Moura, baiano de Rodelas que estrela “O Agente Secreto”, foi escolhido como Melhor Ator pelo júri cannoise que teve a atriz francesa Juliette Binoche como presidente. Esta semana, a Associação de Críticos de Cinema de Nova York fez dele o seu preferido. Na trama de “O Agente Secreto”, ele chega num fusquinha no Recife de 77, atendendo pelo nome de Marcelo, para integrar o estafe de uma repartição onde registros de identidade são tirados e arquivados. Busca uma evidência sobre sua mãe, uma mulher de origem pobre que engravidou dele numa transa com um patrão rico. Tem um filho que deseja tirar de lá e levar para viver consigo. O tal Marcelo esconde um segredo que envolve a disputa por uma patente científica da universidade pública, na qual era professor e pesquisador. Assassinos estão em seu encalço. Uma entidade que protege desafetos de Geisel, o ditador de então, zela por ele, sob uma premissa: “precisamos te proteger do Brasil”. Quem quiser saber do futuro dessa trama no Globo de Ouro deve sintonizar às 10h no site CBSNews.com e no programa de notícias “CBS Mornings”. Os telespectadores também podem assistir ao anúncio ao vivo nos canais da CBS News no YouTube e no TikTok. Cada nome citado será destacado nas contas das redes sociais do Golden Globes® à medida que forem anunciados, com a lista completa dos indicados disponível no site da fundação imediatamente após o anúncio. A entrega dos troféus está marcada para 11 de janeiro. A festa rola no Beverly Hilton, na Califórnia, e terá a comediante Nikki Glaser como apresentadora.

ENTREVISTA | TERESA LAMPREIA

DIRETORA, PRODUTORA E ESCRITORA



Inês Lampreia/Divulgação

‘Contar histórias para um país inteiro é um ato estético, ético e político’

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Dá gosto ver (e ouvir) Teresa Lampreia falar de audiovisual. Fala não só de sua experiência vasta na direção de telenovelas, incluindo folhetins que deixaram o fôlego do povo brasileiro suspenso (tipo “O Clone”), como também de seu empreendedorismo para botar no ar um canal da biosfera digital - o WhE Play, já no ar.

“Em 1996, entrei na TV Globo como estagiária na equipe de ‘O Rei do Gado’. Ali começou a minha vida profissional. Entrei com um caderno cheio de anotações e saí, anos depois, carregando histórias, cicatrizes e a convicção profunda no poder do audiovisual”, conta ela, não só em papos com amigos, colegas e fãs, mas num livro... livração, aliás.

“Somos Feitos de Histórias” junta memórias, reflexões, prospecções, desabafos e delicadezas. Já à venda, a publicação terá lançamento nesta segunda na Livraria da Vila, em São Paulo, às 19h. Na quinta, o lançamento será em Brasília, no Shopping Iguatemi. No papo a seguir, ela faz um balanço de sua prosa inclusiva.

De que maneira a expressão literária traduz as suas inquietações como artista audiovisual, empreendedora e mãe?

Teresa Lampreia - A escrita surgiu para mim como um gesto de reorganização interna — uma forma de dar nome ao que sempre atravessou a minha vida profissional e pessoal: as histórias como eixo da existência. Como artista audiovisual, sou movida por imagens, ritmos e relações; como empreendedora, penso em modelos que cruzam impacto e sustentabilidade; como mãe, caminho diariamente

entre a responsabilidade afetiva e um futuro possível. Escrever este livro foi unir essas três forças numa mesma pergunta: que legado as histórias deixam no mundo? O texto nasceu justamente de um momento de reinvenção — da minha carreira após a saída da Globo, do luto pela morte do meu pai e de um mergulho profundo no sentido de propósito. Surgiu do desejo de compreender como o entretenimento de impacto social pode gerar transformações reais, influenciar políticas públicas, ampliar conhecimento e construir um legado espiritual e material para novas gerações, especialmente para

“Como artista audiovisual, sou movida por imagens, ritmos e relações”

“A escrita surgiu para mim como um gesto de reorganização interna”

a minha filha, Maria Carolina.

E quais foram as descobertas nesse processo?

Ao longo do processo, percebi que a minha inquietação central sempre foi a de ampliar a voz — não apenas a minha, mas a de todos os que acreditam que narrativas podem mudar pessoas, e pessoas mudam o mundo. A plataforma WhE Play nasce desse movimento. Criado em 2024 por mim e por Yael Steiner como cofundadoras, com a Off Grid, Milton Neto e Álvaro Paes de Barros como sócios, o canal materializa anos de pesquisa, curadoria e visão. São mais de 500 horas de conteúdo pautado pelos ODS, pelo Pacto Global e por um compromisso radical com a inclusão. Em 2025, lançamos o nosso primeiro original, “(R)Evolução 639”, criado pela empreendedora Alessandra Gaspar e pela sua equipe, trazendo a Pedagogia dos Afetos — um método que parte da ideia de que não aprendemos a amar, nem a nos relacionar. A série fala de amor, autoconhecimento e vínculos no tempo presente e já caminha para a segunda temporada, agora com dramaturgia, para que o público vivencie, na prática, essa pedagogia transformadora. Escrever este livro foi também construir uma estrutura narrativa que espe-

lha o próprio tema: híbrida, viva, em espiral. Entre memória, ensaio e análise setorial, percorro temporalidades e geografias, do pessoal ao coletivo, para discutir como o entretenimento se tornou, hoje, um território de educação, cultura, diplomacia e responsabilidade ética.

Em que medida a sua experiência na tv norteia o livro e como ela aponta novos caminhos?

A televisão foi a minha primeira grande escola — de escala, de narrativa e, sobretudo, de responsabilidade. Trabalhei em produções que conversavam diariamente com mais de 40 milhões de pessoas, e essa dimensão mudou para sempre a minha percepção sobre o papel do audiovisual na formação de imaginários coletivos. A TV ensinou-me que contar histórias para um país inteiro é um ato estético, ético e político. Essa experiência constitui a espinha dorsal do livro. Ao revisitar a minha trajetória com distância afetiva e crítica, percebi que a TV não me deu apenas técnica: deu-me um sentido de missão. Dirigir “O Clone”, por exemplo, foi um marco. Em 2001, logo após o atentado às Torres Gêmeas, falar sobre a cultura muçulmana na televisão brasileira foi um gesto de coragem e delicadeza. Quase não entramos no ar. Mas, quando a obra finalmente chegou ao público, compreendemos a potência transformadora do soft power: culturas ganham valor quando são tratadas com respeito, beleza e profundidade. E, quando realizamos a campanha de prevenção à dependência química — premiada pelo Facebook dos Estados Unidos e pelo DEA americano — ficou evidente que o entretenimento pode educar, tocar e salvar vidas.

Existe um rol poderoso de citações e de figuras reais evocadas na sua escrita. O que elas apontam acerca da condição humana no planeta hoje?

Os “personagens” do livro, embora não ficcionais, também carregam a dramaturgia que a tevê me ensinou. O meu pai, diplomata, opera como um eixo ético e simbólico que atravessa a narrativa. Minha filha representa o futuro para o qual escrevo. Profissionais do audiovisual surgem como mentores e parceiros que ampliam o campo de visão. Referências como Paulo Freire, Byung-Chul Han, bell hooks e Fernanda Montenegro criam uma constelação intelectual que ilumina a reflexão. Essa experiência aponta novos caminhos: a compreensão de que precisamos criar um entretenimento de impacto social como indústria. Um audiovisual que concilie propósito e escala, emoção e pensamento crítico.



Felipe Antunes: 'É um disco sobre o movimento de seguir, mesmo que o mar esteja revolto. Sobre a beleza de remar junto, e não sozinho'

Navegando em mares poéticos e de crítica social

Novo álbum do cantautor Felipe Antunes faz de suas trilhas teatrais uma reflexão orgânica sobre travessias, resistência e afetos

AFFONSO NUNES

O mar como metáfora de deslocamento, luta e sobrevivência percorre o álbum “Embarcação”, recém-lançado pelo cantor, compositor e pesquisador Felipe Antunes. O trabalho propõe uma reflexão poética e política sobre as travessias humanas — voluntárias

e involuntárias — entre a opressão e o acolhimento, a dor e o amor, o desamparo e a esperança. Produzido por Fábio Sá e gravado nos estúdios Parede-Meia e Space Blues, o álbum dialoga com a tradição da canção brasileira contemporânea e se abre à experimentação de diferentes ritmos como soul, samba, blues, rock e folk.

A origem cênica do projeto atravessa a obra estabelecendo um fluxo narrativo e emotivo particu-

lar. Isso porque a maioria das faixas nasce de trilhas compostas por Felipe para espetáculos teatrais. Cada canção contém uma história, personagem ou uma travessia em curso e o que foi pensado para diferentes montagens teatrais ganha unidade e coerência sob uma perspectiva poética e política.

A canção-título sintetiza o espírito do projeto. Composta por Felipe em parceria com o multiartista mineiro Salloma Salomão,

“Embarcação” permaneceu guardada por anos até ser resgatada pelos autores para o espetáculo “A Morta”, de Oswald de Andrade, dirigido por Cacá Toledo. No álbum, ganha contorno mais próximo do samba e da MPB com uma letra fala de um povo cansado, entre a vida e a morte, a opressão e o descanso, afirmando as vozes subestimadas “na conta financeira da sociedade”. Em outubro de 2025, a música foi premiada como Melhor Canção no Fest-Clip 2025, consolidando-se como uma das obras mais marcantes do repertório recente do artista.

Outras faixas também surgem de experiências cênicas e afetivas. “Ode Marítima”, escrita a partir de trecho do poema homônimo de Fernando Pessoa, nasceu de encontro artístico com o ator português João Garcia Miguel e mergulha em temas como saudade, solidão e abismos interiores. “Aurora” traz sonoridade lírica e esperançosa, enquanto “Febre Alta” e “Água-Viva” exploram pulsões vitais entre o delírio e o despertar, compondo obra em que o humano se revela em suas camadas mais frágeis e luminosas. Felipe define o trabalho com clareza: “O disco tem diversas conexões diretas e simbólicas com o mar — os cais, os barcos, as marés. É uma metáfora das travessias humanas e também das forças que tentam afundar e das que mantêm à tona”.

Há no álbum uma tensão permanente entre o real e o simbólico: o enfrentamento ao fascismo, à violência e à desumanização, contrastado à fé no amor como força de cura e construção coletiva. “É um disco sobre o movimento de seguir, mesmo que o mar esteja revolto. Sobre a beleza de remar junto, e não sozinho”, conta.

UNIVERSO SINGLE

POR A F F O N S O N U N E S



Tim por Jota Quest

O Jota Quest lança regravação de “Acenda o Farol”, clássico de Tim Maia de 1978, com a voz original do cantor, autorizada por seu filho Carmelo Maia. A faixa inaugura as comemorações dos 30 anos do álbum “J. Quest” (1996) e antecipa um disco completo dedicado ao artista, previsto para abril de 2026. O clipe, dirigido por Batman Zavareze, foi gravado no MIS Fortaleza com recursos imersivos. A parceria remonta aos anos 1990, quando Tim rebatizou o grupo como “Jota Quest” e tornou-se padrinho da banda.



Turnê e música nova

A cantora Branka acaba de lançar o single “Coroação na Avenida”, composição, feita em parceria com o escritor Jonathas Augusto de Souza e produzida por Carlinhos 7 Cordas que aborda fé, resistência e evolução espiritual. “Esse samba fala sobre as dificuldades que enfrentamos na vida e como cada uma delas nos impulsiona a evoluir espiritualmente. É uma canção de luz, de resistência e de amor ao que somos”, afirma a artista. O lançamento acontece durante turnê no Japão, onde Branka apresenta shows em Hamamatsu e Tóquio.



Canção tropical

A cantora e compositora Clariá apresenta “Maresia”, canção tropical que mescla ritmos brasileiros em sonoridade envolvente e acolhedora. A faixa evoca elementos do verão — mar, areia e liberdade — enquanto explora temas de autodescoberta através do amor. Com melodia cativante e letra sensível, a música transita entre leveza e intensidade, revelando camadas emocionais nas entrelinhas. A composição propõe uma experiência íntima e universal, convidando o ouvinte a reconhecer-se nas próprias emoções.

Isabella Raposo/Divulgação



'O Nome do Rato', com Gustavo Barbalho e Ricardo Santos, resgata histórias reais de pessoas em situação de rua para conduzir o espectador a uma reflexão sobre invisibilidade e exclusão nas sociedades modernas

Quando a rua invade o palco

Há histórias que a cidade insiste em esconder. Corpos que atravessam calçadas como se fossem transparentes, vidas inteiras reduzidas a estatísticas ou, pior ainda, ao silêncio. É justamente desse território — onde a exclusão se naturaliza e a indiferença se torna rotina — que nasce “O Nome do Rato”, espetáculo em cartaz na Casa Tao Brasil que propõe um exercício radical de escuta e presença. Não se trata de uma representação sobre pessoas em situação de rua, mas de um encontro mediado pelo teatro, onde a ficção cede espaço à urgência do real.

A montagem acompanha a trajetória de um diretor teatral que, ao se deparar com aqueles que habitam os espaços esquecidos da metrópole, vê suas certezas artísticas ruírem. E o que poderia ser simplesmente um espetáculo sobre exclusão social transborda como interrogações éticas: como falar do outro sem transformá-lo em objeto? Como criar arte a partir da dor alheia sem cair na tentação do voyeurismo? Essas questões atravessam toda a dramaturgia, assinada por Ricardo Santos e Caroline Lavigne — dupla que

já havia explorado temas sensíveis em “Cuidado Quando For Falar de Mim”, trabalho premiado sobre HIV e estigma.

O processo criativo de “O Nome do Rato” se sustenta em extensa pesquisa de campo. Durante meses, a equipe conversou com profissionais da saúde, assistentes sociais e, principalmente, com pessoas que vivem nas ruas — depoimentos que estruturam a própria dramaturgia. O espetáculo articula recursos do teatro documental e do teatro de objetos, criando uma linguagem cênica em que relatos pessoais dos atores Gustavo Barbalho e Ricardo Santos se entrelaçam com as vozes colhidas na cidade. A advogada de direitos humanos Regina Bueno assinou o apoio técnico, garantindo rigor e responsabilidade no tratamento das informações colhidas para a realização do espetáculo.

Sob a direção de Deisi Margarida e Ricardo Santos — este último indicado ao Prêmio Shell em 2019 —, a encenação recusa realismo convencional. A rua não é reproduzida cenograficamente, mas evocada através de objetos, projeções e, sobretudo, da palavra. Ou seja, em vez de simular a miséria, o espetáculo cria um espaço de reflexão sobre ela.

Espectáculo ‘O Nome do Rato’ transforma depoimentos reais em dramaturgia na seara do documental que questiona invisibilidades sociais

Os números que contextualizam a montagem são alarmantes. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a população em situação de rua no Brasil cresceu 935,31% nos últimos dez anos. Não se trata apenas de crise habitacional, mas de uma política deliberada de abandono. Para aprofundar essa discussão, “O Nome do Rato” evoca o conceito de necropolítica, formulado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe que examina como o Estado exerce poder ao decidir quais vidas merecem proteção e quais podem ser descartadas.

Um dos momentos mais potentes do espetáculo acontece no desfecho, com a participação especial de Leo Motta, escritor e palestrante que viveu em situação de rua e que compartilha sua própria trajetória.

Desde sua estreia, “O Nome do Rato” vem construindo uma

trajetória marcada por escolhas significativas. A primeira temporada aconteceu no Teatro Lea Garcia, no Centro Cultural dos Correios, onde pela primeira vez pessoas em situação de rua foram convidadas como público. Não como objetos de caridade, mas como espectadores de uma obra que também lhes diz respeito. Depois, o espetáculo passou pelo Teatro da Sede Cia dos Atores e agora cumpre sua terceira temporada na Casa Tao Brasil.

A direção musical de Rodrigo Marçal cria uma atmosfera sonora que oscila entre o intimismo e o sentimento de urgência. E a direção de movimento, assinada por Deisi Margarida, explora a relação dos corpos com o espaço urbano — como se movimentam, como ocupam (ou são impedidos de ocupar) determinados lugares. O design e a programação visual, de Igor Gouvêa

e Murillo Medeiros, completam a ambientação cênica criada por Maddu Costa e Ricardo Santos, que também assina o figurino. Eugênio Oliveira desenhou a luz, elemento fundamental para construir as atmosferas que transitam entre o documental e o poético.

“O Nome do Rato” não oferece respostas fáceis nem redensões instantâneas. Ao contrário, aposta na desestabilização, no desconforto necessário para que o espectador reveja suas próprias certezas, levando-o a se perguntar o que ele tem a ver com isso?.

Quando nos vemos em meio a uma sociedade que se desumaniza e dissemina ódio e preconceito que naturaliza desigualdades, “O Nome do Rato” nos provoca exigindo uma escuta atenta, o compartilhamento de dúvidas. Ainda que não resolva a questão concreta da população em situação de rua, o espetáculo erige um espaço onde essas vidas invisíveis passem a ser vistas.

SERVIÇO

O NOME DO RATO

Casa Tao Brasil (Rua Joaquim Silva, 77, Centro)
Até 8/12, segunda, às 20h
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

CRÍTICA RESTAURANTE | BAR LAGOA

POR CLEO GUIMARÃES (FOLHAPRESS)

Garçons pouco simpáticos e pratos fartos

Uma reputação não é construída de um dia para o outro e em seus 91 anos de funcionamento o Bar Lagoa carrega consigo a fama, quase folclórica, de ter garçons pouco simpáticos. É também conhecido pela varanda agradável, pelo lindo ambiente art déco e pelos pratos fartos. Tudo verdade.

Sobre os garçons, não que sejam grosseiros. Eles parecem se esforçar para acabar de vez com o estigma - e quase chegam lá. São solícitos, eficientes, mas vá se atrever a perguntar um detalhe do prato (“o palmito é em conserva?”), foi o que eu quis saber) para que um dos experientes profissionais respondesse monossilabicamente e fechasse a cara. Vrau!

Se coubesse um meme para o momento, seria o bom e velho “sem tempo, irmão”. Eles não têm muita paciência mesmo. “De novo?” outro fez questão de comentar, bem alto, ao me ver filmando (sim, de novo) o belíssimo balcão em mármore de Carrara. O balcão é um dos muitos elementos da decoração genuinamente retrô que dão todo o charme ao Bar Lagoa.



O Tornado à Lagoa tem filé mignon com bacon, palmito, aspargos e batatas prussianas

E os pratos? Bem, eles seguem o receituário clássico da gastronomia germânica e brasileira, com opções como o filé à milanesa com salada de batata (R\$ 170), um dos clássicos da casa há décadas, assim como o Joelho de Porco com Chucrute (R\$ 155) e o Kassler (carne de porco defumada) com chucrute ou salada de batata (R\$ 155). Fui na milanesa.

A salada de batata com maionese leva a quantidade certa de cebola, bem fina, e é servida num prato de sobremesa. A primeira impressão é a de que será pouca salada para tanta carne, o que não acontece. Acabou sendo suficiente para o bife, enorme, que quase não cabia na travessa. Ele é saboroso, reconfortante, mas não vai ser o melhor da sua vida.

O almoço tinha se iniciado com uma porção de croquetes de carne (R\$ 80, seis unidades). Visualmente não são atraentes, mas o fato de serem carnudos (e não cremosos) por dentro contou pontos a favor. Bons croquetes - mas também não serão os melhores que você já experimentou.

Assim como a outra opção de principal não deixa marcas na me-

mória. Os acompanhamentos do tournedor à Lagoa (filé-mignon com bacon, palmito, aspargos e batatas prussianas, R\$ 185) estavam bem melhores que a carne em si: ela estava sem sal, sem sabor.

O destaque vai para as batatas e o bacon, sequinhos e crocantes. Os aspargos eram também em conserva, isso era nítido - e eu não teria a audácia de fazer mais essa pergunta ao garçom.

As sobremesas incluem alternativas como apfelstrudel (R\$ 40), morangos com chantili (R\$ 40), tiramisù (R\$ 41) e goiabada com queijo (R\$ 35).

Escolhi os morangos por motivos de boas lembranças do chantili cremosinho feito em casa, na minha infância, numa batedeira vermelha. O do Lagoa me levou de volta a esse tempo, apesar de eu achar que um pouquinho mais de açúcar no creme pudesse ter feito mais frente à acidez do morango.

Com muitas mesas ocupadas por famílias ou grupos de amigos que dividem dois ou três pratos, o bar é um tradicional point de chope pós-praia do Rio. Só não espere pratos espetaculares.

Talvez a melhor definição do estabelecimento eu tenha ouvido há alguns anos, naquelas mesas, dita por um experiente restaurateur carioca: “No Bar Lagoa é servida a melhor comida mais ou menos da cidade”. É por aí.

BAR LAGOA

Av. Epitácio Pessoa, 1.674
Diariamente, das 12h às 0h

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR A F F O N S O N U N E S



Vitor Faria/Divulgação

Um natal à portuguesa

A Tasca do Marquês, no BarraShopping, recebe encomendas para ceias de Natal e Réveillon até o dia 22 de dezembro. O menu destaca lombos de Bacalhau Gadus Morhua (500g, R\$ 354) em quatro versões: à Portuguesa, à Lagareiro, do Chef e com Crosta de Broa. Entre as entradas estão pastel de bacalhau (R\$ 11), coxinha à portuguesa (R\$ 24) e queijo Serra da Estrela (R\$ 380). Entrea as sobremesas: rabanadas (R\$ 12), bolo rei (R\$ 150/500g), bolo de mel da Madeira (R\$ 48/250g), pastel de Belém (R\$ 48/4 unidades) e toucinho do céu (R\$ 240) e pudim molotof (R\$ 220).



Ana Paula Santos/Divulgação

Novidades na Officina Local

A Officina Local traz novidades. Em Botafogo, estreia a Crocchetta Toscana (R\$ 16), croquete de ragu de linguiça italiana com aioli cítrico. O happy hour de chopp artesanal Ferdinander acontece de quarta a domingo, das 18h às 20h, com Pilsner a R\$ 9,90 e Maracujá Ale a R\$ 12,90. A carta de vinhos ganha os rótulos Suspeito (R\$ 129) e Tasinari Syrah 2022 (R\$ 179). Retorna ao cardápio permanente a Pizza Pastrami (foto, R\$ 66), eleita melhor sazonal de 2025. O Tiramisù Clássico (R\$ 25) com licor de amêndoas completa o menu.



Divulgação

Virada no cartão postal

O Baleia Rio's celebra o Réveillon com vista para os fogos na Praia do Flamengo. Das 20h às 1h, o evento conta com DJ e menu mediterrâneo do chef Bruno Barros. O jantar inclui coquetel com pido de trufas, bruschetta de lagosta e croqueta de camarão, além de pratos principais como lagosta grelhada, robalo Belle Meunière, filé mignon ao poivre e ravioli de búfala. Sobremesas incluem tiramisù e cheesecake. Cada grupo de quatro pessoas recebe espumante. Valor: R\$ 820 por pessoa (crianças 5-10 anos R\$ 410, menores de 4 anos cortesia), mais taxa de serviço.

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Acusada ou ‘pra não dizer que não falei das flores’



Virou moda. Acusar sem provas, parece ser a tônica atual para ‘se livrar’ do indesejável, do que incomoda, do que atrapalha planos. Sensatez e bom senso passam distantes das ‘sentenças’ decretadas, quase em tom de veredito, numa condenação sem precedentes. A operação é simples: uma bomba de fumaça rápida para encobrir o véu de tule que, por sua vez, cobre a peneira aparádora de sóis. Não importa se pareça inverossímil, não interessa se está contra a maré, não conta se é uma forma de censura, vidas não importam. Nessa corrida tresloucada pelo poder, pela politização do que não é, nem de longe, muito mais de perto, politizável, nessa leviandade insana em que tudo tem se trans-

formado, o que vale é o êxito, mesmo que ele não exista, mesmo que não haja disputas ou que isso seja absolutamente irrelevante quando existe um bem maior que é a vida. Nada à justiça dos homens que, determina em seu Artigo 342, do Decreto Lei nº 2.848 do Código Penal Brasileiro que é crime: “Fazer afirmação falsa, ou negar ou calar a verdade como testemunha, perito, contador, tradutor ou intérprete em processo judicial, ou administrativo, inquérito policial, ou em juízo arbitral. Nada, também, à justiça divina e sua descrição em Êxodo 20: 1-17 e Deuteronômios 5: 6-21, em relação aos Dez Mandamentos, no oitavo ou nono mandamento, conforme a denominação cristã: “não levantar falso testemunho”, “não darás falso testemunho contra

alguém”, ou ainda “não dirás falso testemunho contra o teu próximo”. Tudo transcrito, claro e bem explicadinho para os puristas. Acusar sem provas, se comprovado, é crime perante os homens e pecado diante do Todo-Poderoso. Diante de tantas acusações levianas, resolvi listar algumas que, julgo, são muito pertinentes. Acuso as minis formigas, habitantes da minha cozinha, de estarem roubando açúcar e mel fundamentais para o meu crescimento... para os lados. Acuso o garnisé José, do Morro do Cantagalo, de ter saído com o peru para farra e não ter cantado às quatro da manhã. Acuso as fragatas de não terem cumprido o combinado de sobrevoarem o Pão de Açúcar, ao amanhecer, para compor a imagem da ‘Alvorada Carioca’. Acuso minha

barriga de estar aumentando, injustamente, formando uma espécie de bolha, sem meu consentimento prévio. Acuso a Chapeuzinho Vermelho de disseminar que o lobo era mau, a Branca de Neve espalhar que a bruxa vende maçãs passadas e o sapo e seu chulé insuportável, estar espalhando uma catinga danada na lagoa. Acuso a dona Baratinha de ter batido asas e deixado seu Barato inconsolável. Acuso a Rapunzel de dizer que suas tranças são naturais, mas, não passam de apliques comprados na rua 7 de Setembro. Acuso a dona porca de se enrabichar com dois parafusos e uma arruela. Acusar é fácil, difícil é provar, mas, acabam provando, provavelmente, do seu próprio, poder de não provar nada ‘pra’ ninguém. Seria cômico se não fosse trágico. É trágico!